

MICHELLE GUIDI GARGANTINI

# APLICAÇÃO DE UMA METODOLOGIA DE ENSINO EM EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

CAMPINAS

2000



MICHELLE GUIDI GARGANTINI

# APLICAÇÃO DE UMA METODOLOGIA DE ENSINO EM EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA

Monografia apresentada como requisito parcial para conclusão de curso da Faculdade de Educação Física, na modalidade Licenciatura, sob a orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Vilma Lení Nista-Piccolo.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

CAMPINAS  
2000

---

Prof<sup>a</sup>. Ms Marília Velardi (Banca avaliadora)

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Vilma Leni Nista-Piccolo (Orientadora)

## DEDICATÓRIA

*“Se não houver frutos,  
valeu a beleza das flores  
Se não houver flores  
valeu a beleza das folhas  
Se não houver folhas  
valeu a intenção da semente.”*

*Henfil*

Além de plantar a semente, regou de forma incansável, para que desse flores e fruto. Hoje esse fruto, dedico a você, mãe, meu muito obrigado seria pouco para demonstrar o quanto sou grata.

## AGRADECIMENTOS

- Ao meu pai, José Luiz e irmão Rafael, pela torcida discreta mas verdadeira.
- Ao meus professores e amigos que me ensinaram a olhar o mundo e a minha vida de forma diferente, me ajudando a crescer dentro e fora da sala de aula.
- As amigas, Lu, Rita, Ká e Vanessinha, pelo companherismo e carinho.
- Aos meus alunos que me ajudaram na elaboração desse trabalho, resgatando a criança que dormia dentro de mim, e por me estimularem a continuar estudando sempre.
- Ao meu grande amor, Albino, pelo carinho, paciência e incentivo.
- A Deus, pela oportunidade de viver e pelo consolo nas horas difíceis

## *Um agradecimento especial ...*

Vi,

Tudo que conquistei nesses quatro anos, boa parte veio do seu incentivo e respeito por minhas idéias, dizer obrigado não basta, espero contribuir muito ainda para a área de Educação Física, levando o que me ensinou, produzindo conhecimentos novos, crescendo profissionalmente e como pessoa cada vez mais.

Que Deus continue te ajudando e amparando, retribuindo aquilo que só com palavras seria insuficiente. Que as forças usadas nesse trabalho possam ser retribuídas em muito sucesso, saúde, alegria e paz.

Muito obrigada por tudo, por plantar em mim a semente da curiosidade, da fome pelo saber e principalmente da perseverança.

## RESUMO

Esse trabalho consiste num estudo voltado a EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR, enfocando as questões da METODOLOGIA DE ENSINO nesta área. Foi desenvolvida uma pesquisa de campo que se respalda numa pesquisa bibliográfica para verificação da utilização em escolas da METODOLOGIA DE ENSINO DE NISTA-PICCOLO E VELARDI, FUNDAMENTADA EM VYGOTSKY. Esta metodologia nasceu no projeto Crescendo com a Ginástica, a partir das experiências vividas com esta modalidade, com crianças de diferentes idades. Ela propõe o desenvolvimento de uma aula compreendida em três momentos, que podem ou não acontecer, dependendo das necessidades apresentadas pelos alunos. Com propostas de atividades que consideram as características específicas de cada faixa etária, as expectativas e o interesse dos alunos no tema em questão, a aplicação dessa metodologia ocorreu em quatro aulas, em turmas do ensino fundamental. Foram feitas descrições das aulas, das quais pode-se elencar unidades significativas para posterior interpretação. A análise mostrou-(nos) a relevância da aplicação desta metodologia para a área, em escolas, apresentando como ponto fundamental a possibilidade do aluno de exploração de movimentos e a oportunidade de criação através de atividades lúdicas e conseqüentemente prazerosas.

# SUMÁRIO

Dedicatória

Agradecimentos

Resumo

Introdução 01

Reflexões sobre a Educação Física Escolar 03

Concepções, metodologias e conteúdos sobre a Educação Física escolar 07

Metodologia de ensino em Educação Física criada a luz da  
experiência vivida 12

Metodologia 20

As aulas e a aplicação da metodologia na perspectiva do pesquisador 31

Considerações finais 37

Bibliografia 39

## *Introdução*

Mediante uma breve experiência com a aplicação da Ginástica Artística no “Projeto Crescendo com a Ginástica”, coordenado pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Vilma Lení Nista-Piccolo, pude conhecer uma modalidade esportiva fascinante e desafiadora. Tive o privilégio de participar de dois grupos, um de treinamento da ginástica artística e o outro que utilizava-se da ginástica como meio para ampliar o repertório motor dos alunos. E foi com esse segundo grupo que comecei a ter os meus primeiros contatos com a metodologia de ensino, foco de meus estudos nesse trabalho.

Utilizando-se de “3 momentos” para o desenvolvimento de uma aula, era possível perceber um grande aproveitamento por parte das crianças, pois participavam de propostas diferentes daquelas que estavam acostumados a vivenciar quando tinham a oportunidade de criar, combinar movimentos e explorar o espaço. O prazer expresso na prática das atividades mostrava-se claramente na satisfação, na alegria e na auto-motivação durante as aulas.

No momento em que comecei a estagiar em escolas deparei-me com outra paixão, a Educação Física Escolar. No acompanhamento dessas aulas pude descobrir a importância que este aspecto educacional, a metodologia, tem para o bom desenvolvimento de uma aula. A partir daí, pensei na possibilidade de aplicar esta metodologia na escola e então verificar a sua relevância, em outro ambiente.

Essa idéia inquietou-me até que tornasse essa aplicação em realidade.

A verificação de aspectos positivos e negativos gerados com a utilização desta metodologia, em turmas do ensino fundamental, não tem como objetivo fechar as possibilidades de ensino em Educação Física, mas sim mostrar mais um caminho para o desenvolvimento motor na escola. Com propostas lúdicas, as aulas devem ser desenvolvidas com a intenção de oferecer aos alunos oportunidades de exploração e criação de movimentos. A intervenção do professor se dá apenas como mediação do aprendizado, não se caracterizando uma função de ordenador de tarefas.

Uma revisão bibliográfica dá suporte a este estudo, abordando os temas Educação Física Escolar, Metodologias de Ensino, além das especificações da Metodologia de Nista-Piccolo e Velardi a ser aplicada na pesquisa de campo.

## Reflexões sobre a Educação Física Escolar

Antes de começar a ministrar aulas na escola surgem alguns questionamentos básicos a todos nós profissionais: “o quê” devo desenvolver e “como” fazê-lo? Ou seja, qual o conteúdo a ser aplicado e de que maneira devo transmitir este conhecimento aos alunos?

Os aspectos que norteiam estas questões fazem parte das reflexões do meu trabalho, e desta forma, poderão contribuir com o ensino da Educação Física na escola.

### *A Educação Física nas escolas ...*

Na busca de literatura que fundamenta as investigações em Educação Física Escolar, encontrei trabalhos voltados à análise de pontos importantes apresentados na prática desta área. Pesquisas de campo desenvolvidas com o intuito de investigar aspectos educacionais presentes no desenvolvimento das aulas. Um desses estudos foi apresentado por Moreira (1990), que buscava interpretar as atitudes dos professores que ministravam as aulas de Educação Física em determinada escola estadual frente às suas posições teóricas sobre a área, expressas em entrevistas. O autor relata sua extrema preocupação com a disciplina rígida, e com a busca do rendimento esportivo imperando sobre a formação humana. Os conteúdos trabalhados pelos professores analisados, norteiam os esportes, visando sempre o melhor

desempenho além de ser enfatizado o “corpo perfeito”. Durante as aulas, foram observados certos tipos de preconceito em relação aos alunos que não atingiam esse perfil, estabelecido pela própria cultura.

Outro ponto destacado pelo autor é a questão da vitória a ser conquistada nas práticas vivenciadas em aulas, tida como objetivo principal, independente das circunstâncias presentes na situação.

Moreira (1990) cita ainda que a *“Educação Física, neste contexto, é vista como coisa séria, o que significa desprazer, ausência de participação alegre, ausência de conversa e troca de opiniões, em aulas que se arrastam mecanicamente, sem ludicidade”*. (p. 152) O esporte, contextualizado por essas aulas de Educação Física, mostra-se como um produto inacabado, sem oportunizar o processo de criação, não estando sensível à manifestação corporal do aluno. Em nenhum momento os alunos têm a possibilidade de expressar aquilo que pensam ou esperam das aulas, sendo também negado a eles o espaço para descoberta de novas formas de movimentação. Esse mesmo autor (Moreira, 1995) em outra publicação complementa que a ação dos professores obedece um “Modelo único” de ensino-aprendizagem, tirando da criança o direito ao lúdico, principalmente nas escolas.

Depois de 10 anos que Moreira desenvolveu esta pesquisa, é possível constatar que há escolas que ainda apresentam os mesmos “vícios”. Em minha trajetória pelas escolas, deparei-me com uma falta de coerência em relação à elaboração do planejamento escolar e sua aplicação no momento da aula. Os planos declaram conteúdos a serem

trabalhados mas não descrevem nada de específico sobre a metodologia a ser aplicada.

Ao participar das aulas, no papel de estagiária, pude observar a ausência de preocupação com o conhecimento transmitido, e principalmente, com a maneira que isto se dava. O papel do professor limita-se ao simples ato de olhar os alunos para que não façam nada de errado. As aulas se restringem à prática do futebol, da queimada ou handebol. É possível perceber que durante as aulas, os alunos não são estimulados a aprender nada de novo, e nem mesmo a refletirem sobre qualquer questão que envolva a atividade presente no momento.

É muito triste perceber que mesmo com a enorme variedade de conteúdos que a Educação Física abarca, com diferentes metodologias que ela possibilita, ainda podemos encontrar situações nas quais “o dar a bola e deixar os alunos jogarem”, esportes já então familiarizados pelos alunos, é uma atitude comum na escola.

Diferentemente dos resultados encontrados por Moreira (1990), nesta experiência não se percebe um excesso de preocupação quanto à disciplina e também ao treinamento esportivo, mas fica claro um descompromisso com a área, e com os seus elementos que podem contribuir para formação e desenvolvimento do indivíduo na escola.

Constata-se ainda que os conteúdos desenvolvidos, bem como o tipo de metodologia a ser aplicado, são, muitas vezes, determinados pela utilização do espaço físico e materiais que a escola possui. Por exemplo, se na escola há uma quadra, uma rede e uma bola de vôlei, os alunos vão praticar somente esse esporte nas aulas de Educação Física.

Não há nenhuma orientação, por intermédio da direção da escola, sobre as atividades desenvolvidas em aulas. Mesmo sabendo que o professor deve criar condições para que os alunos se tornem independentes, participativos e com autonomia de pensamento e ação, parece que as escolas não atendem estas necessidades básicas da formação do sujeito.

*“É inegável a importância da exploração de movimentos naturais da criança, mas quando as atividades só valorizam o desempenho motor podem, de certa forma, conceituar o desporto competitivo como meio educativo, fazendo com que professores e dirigentes acreditem nessa concepção utilitarista da Educação Física”.*  
Nista-Piccolo (org, 1995, p.12)

As muitas informações existentes na área da Educação Física se encontram totalmente desintegradas. De certo modo isto permite que estas informações sejam abordadas, aplicadas e utilizadas na escola, de maneira equivocada.

Uma outra questão, citada também por Nista-Piccolo (1993) é em relação à elaboração dos programas, pois a grande maioria deles não se mostra condizente com a faixa etária dos alunos. Isto quer dizer que a forma com que o conteúdo vai ser proposto deve levar em conta os interesses, as potencialidades e as capacidades de cada idade, para que a atividade torne-se adequada e prazerosa. *“O ensino torna-se mais humanista quando se respeita o aluno em sua individualidade pessoal”* (Nista-Piccolo, 1995, p. 60).

## *Concepções, metodologias e conteúdos da Educação Física*

As metodologias de ensino fazem parte do processo histórico da Educação Física, sendo que na Idade Média, de acordo com Giraldes, 1976, citado por Velardi (1997), observamos a presença marcante das práticas essencialmente mecânicas, que englobavam a esgrima, a equitação e acrobacias em cavalos. Falava-se na Tetrada, o treinamento dos atletas eram estruturados e realizados em quatro dias (idem)

A partir do século XVIII, a Educação Física passou a ser incluída no sistema educacional (Soares, 1996) gerando a necessidade da criação de metodologias especializadas, que se diferenciasse das metodologias de treinamento. Foi através da criação dos chamados Sistemas Nacionais de Ensino que a Educação Física tornou-se conteúdo obrigatório no currículo escolar.

Velardi (1997) cita que de acordo com os estudos de Giraldes os primeiros estudiosos a apresentarem considerações metodológicas foram: *Guths Muths, Johann Heinrich Pestalozzi e Carl Euler*. A classificação e graduação dos exercícios obedeciam os níveis de dificuldade, duração, progressão de partes de aula e pausas entre elas.

Foi nos anos 20 e 30, depois da publicação de uma metodologia pioneira para a Educação Física feita por *Karl Gaulhoter e Margaret*

*Streicher* (Velardi, 1997), que a Educação Física seguiu dois caminhos: o da metodologia de treinamento e o da metodologia de ensino.

A Educação Física passa a ocupar-se principalmente com reflexões relacionadas ao ato motor, surgindo “ *Nos últimos anos, em função dessas reflexões, alguns autores têm se preocupado em estabelecer relações entre os discursos políticos e a prática pedagógica, outros tendem a buscar associações a partir de abordagens advindas dos mais diversos ramos da psicologia.*” (Velardi, 1997 p. 45)

Walter Bracht, em 1983, propôs uma metodologia que chamou de *Funcional Integrativa*, as aulas de Educação Física podem ser estruturadas por momentos, possuindo um eixo diretivo. A proposta, estruturada após um estudo comparativo entre a metodologia funcional integrativa e a tradicional, tem como ponto importante gerar nos alunos uma participação maior frente aos conteúdos propostos.

Oliveira, 1995, (citado por Velardi, 1997) criou o que chamou de propostas pedagógicas, relacionadas aos princípios não diretivos, sendo norteadores do processo ensino-aprendizagem. Essas propostas surgiram da abordagem humanista, que centraliza suas reflexões no processo de ensino, não para o seu produto. Essa vertente sofreu forte influência dos estudos da psicologia comportamental.

Hildebrandt (1996) defende o que chamou de *Concepções Abertas*, não existem comportamentos finais pré-estabelecidos, o aluno deve ter um espaço em que possa exercer seu potencial de ação, podendo agir de forma modificadora e transformadora. Os alunos não devem estar presos a normas e regras desde o início do processo, tendo

a oportunidade de intervir no processo, de acordo com suas necessidades. Velardi (1997, p.49) aponta que *“ No entanto, se, os conteúdos e conceitos que os alunos conhecem, que são parte de seus universos, é que irão determinar a condução do conteúdo, parece que se corre o risco de serem introduzidas atividades e questionamentos diretamente relacionadas àquilo que os alunos já possuem, não ficando evidente a necessidade de avanço em relação ao que já é conhecido.”*

Tani, Manoel, Kokubun e Proença (1988), apresentam idéias, do que chamam de abordagem Desenvolvimentista, sendo que a aprendizagem se dá a partir dos diferentes domínios envolvidos no movimento, afetivo-social, cognitivo e motor. Sendo que desenvolvimento das habilidades motoras ocorre numa sequência hierárquica, dependendo das habilidades que a precederam.

*(...) “ existe uma sequência normal nos processos de crescimento, de desenvolvimento e de aprendizagem motora.” (TANI et al, 1988, p. 02)*

Dessa forma o movimento passa a ser o principal meio e fim da Educação Física, seu objeto de ensino. Deve ser oferecido aos alunos experiências de movimentos que sejam adequadas ao seu nível de crescimento e desenvolvimento, pois cada fase do indivíduo tem uma certa característica de movimento. Velardi (1997, p. 50) cita que *“Segundo a abordagem desenvolvimentista, o desenvolvimento é considerado como determinante para a aprendizagem e, portanto, as*

*práticas pedagógicas devem respeitar este princípio, no ensino das habilidades motoras.”*

Outro pesquisador que podemos citar é João Batista Freire, (1989), que traz a concepção Construtivista-Interacionista. Através de estudos sobre Jean Piaget, baseia-se nos esquemas motores, o aprendizado é capaz de promover níveis cada vez maiores de desenvolvimento, considerando no processo aquilo que a criança já sabe. O estímulo oferecido deve estar relacionado com o fazer e com o compreender, questão chamada pelo autor de *expressão corporal*. Os conteúdos, escolhidos por Freire, giram em torno do jogo e do faz-de-conta, componentes da cultura infantil. Salienta que o desenvolvimento motor deve ser compatível com a faixa etária, ou seja, não exigir da criança algo que ela ainda não esteja preparada para realizar. Ela não deve simplesmente aprender a fazer e sim compreender aquilo que foi proposto e que está sendo realizado.

O Coletivo de Autores (1992), apresentam a *Perspectiva Crítico-Superadora no qual o método deve viabilizar uma atividade criadora e de relações interpessoais, articulando o fazer, o pensar e o sentir*. Os professores devem ser mediadores, para que os alunos estabeleçam suas relações com seus meios políticos e sociais. Assumindo assim, a escola, um papel político-social, ensinando a compreensão dos conteúdos e não somente o modo de executá-los.

Três pontos são classificados como importantes no processo: *discutir os conteúdos e objetivos com os alunos*, organizando conjuntamente o espaço-ambiente da aula, possibilitando ao aluno

descobertas de movimentos propostos pelos objetivos; *apreensão do conhecimento*, o ato de exercitar sobre os materiais e ambientes deve estar presente, juntamente com reflexões e questionamentos dos professores e alunos; *avaliações e perspectivas*, devem ser feitas juntamente com os alunos, procurando adequar os conteúdos e metodologias aos interesses individuais e coletivos.

Autores esses entendem que o objeto de ensino da Educação Física é a *Cultura Corporal*, que compreende a Ginástica, os Jogos, Lutas, Lazer, Dança e Esportes.

Se revisarmos este conteúdo, no século XIX e início do século XX, o *Movimento Ginástico Europeu*, trazia a ginástica englobando os exercícios militares, os jogos, a dança, a esgrima, a equitação e o canto. A partir de 1940, é o *Movimento Esportivo* que se afirma, ocorrendo uma hegemonização do esporte no conteúdo de ensino. (Soares, 1996) A partir dos anos 70, começa a ser considerado o conceito da *Psicomotricidade*, no Brasil, baseada nas condutas motoras. Nos anos 80 tem início o conceito de *Cultura Corporal, Cultura Física ou Cultura de Movimento*, fazendo parte a Ginástica, o Esporte, o Jogo, Danças, Lutas, Capoeira, ... (idem)

Soares (1996 p.06) em um de seus trabalhos sobre a Educação Física Escolar, diz que *"Papel da escola, da metodologia de ensino, do planejamento: organizar criativamente o conhecimento a ser tratado no tempo ... produzir desafios com este desconhecido, arrancar alegria a cada conquista"*.

## *Metodologia de ensino em Educação Física criada à luz da experiência vivida*

*“Crescendo com a Ginástica”* era um projeto de extensão à comunidade, que tinha como idéia desmistificar a ginástica como esporte elitista. Através de uma perspectiva lúdica, o projeto utilizava-se dos conteúdos da Ginástica Artística e da Ginástica Rítmica, na tentativa de oferecer às crianças maior ampliação do seu vocabulário motor, proporcionando um desenvolvimento global de suas potencialidades, aliado a uma participação mais ampla.

A metodologia que será abordada e aplicada é constituída por três momentos que geralmente estão presentes numa mesma aula. A duração desses momentos não obedece um padrão e sim um olhar do professor frente às necessidades do aluno. Brooks e Brooks (citado por Velardi, 1997) citam que o tempo rígido é incompatível com o entendimento do conteúdo pelo aluno e pelo professor.

O andamento da aula vai variar de acordo com o grupo de alunos, suas respostas ao que está sendo proposto. Consequentemente a intervenção do professor também vai variar conforme as necessidades dos alunos.

As aulas precisam ter um objeto concreto, estabelecendo um vínculo entre a criança e o ambiente, o espaço e os materiais para que consiga executar de maneira melhor as atividades. O aspecto mais importante é ter bem claro e definido os objetivos.

O aluno precisa além de aprender o “como”, aprender também o “porquê” fazer, refletindo sobre as experiências vividas.

A mediação do professor é muito importante para que tudo isso ocorra no processo de aprendizagem, pois para o aluno não basta sua inclusão num determinado ambiente, para que possa explorá-lo, e/ou contato em grupo. Essas experiências são altamente relevantes ao aluno, mas não é o suficiente para alcançar os objetivos da aprendizagem, o professor precisa intervir e interagir com seus alunos de forma adequada, pois Tudge (citado por Velardi, 1997) observou através de estudos e pesquisas, que as crianças tendem a regredir em função de uma mediação inadequada, embora isto não possa ser considerado como regra.

Os problemas e atividades propostas devem estar ao alcance das possibilidades do aluno. *“Os desafios serão ou não adequados, dependendo do aluno e aquilo que o processo de aprendizagem possa trazer, mas também da qualidade e quantidade das mediações”.* (VELARDI, 1997, p. 133)

### *O primeiro momento*

O primeiro momento consiste numa integração do aluno com a atividade, cabendo ao professor observar os potenciais de execução, as experiências anteriores em relação ao conteúdo proposto. Para que o professor analise a forma e conteúdo de sua intervenção.

*“Num primeiro momento, as crianças tomam contato com o tema que será desenvolvido naquela aula, sem contudo receber nenhuma proposta dirigida; é o tempo da exploração dos possíveis movimentos que a criança é capaz de criar e executar. Na maioria das vezes, as idéias surgem das próprias brincadeiras das crianças com o tema ou o material que está sendo trabalhado. Esse é o momento em que o professor não interfere, apenas estimula a ação perguntando o que é possível fazer, outras maneiras de fazer, observando sempre seus alunos”.* (NISTA-PICCOLO, 1995, p. 117)

Os alunos deverão explorar os materiais, o espaço e os movimentos corporais, sem modelo, de acordo com seus conhecimentos adquiridos anteriormente. Esse momento permite ao professor observar o conhecimento básico do aluno, para organizar o restante das tarefas.

*“Não é momento de dizer aos alunos que façam o que quiserem, mas de solicitar que explorem tudo o que o ambiente pode oferecer”* (VELARDI, 1997, p. 137)

O professor deve utilizar esse momento para observação e análise do processo pedagógico e não para realizar outras tarefas.

O ambiente deve estar vinculado com o objetivo da aula, mesmo sem propor uma atividade específica o ambiente deve sugerir ao aluno aquilo que poderá ou deverá ser atingido no final da aula.

O que não pode ser confundido é que o primeiro momento não é um exame e sim uma exploração de forma lúdica e flexível, sendo fundamental para o restante da aula. O professor descobre o ponto de partida e o aluno descobre-se como agente do processo e não, simplesmente, como receptor passivo.

### *O segundo momento*

Esse centra-se na solução de problemas, em que o aluno reflete sobre uma situação pré-determinada, diretamente relacionada aos objetivos da aula, promovendo uma reflexão sobre o que é feito, seu “como” e “porque” pode ser executado e modificado.

Velardi, 1997, cita que após o primeiro momento o professor vai poder nesse segundo momento estabelecer o desenvolvimento das pistas, as “perguntas-guia”.

Nista-Piccolo (1995, p.117) diz ainda que *“Num segundo momento, as propostas são transmitidas por meio de pistas para que as crianças criem alternativas de trabalho, solucionem os problemas apresentados para a realização da tarefa, individualmente e em grupo, não há nessa fase direcionamento da atividade em si, apenas um direcionamento da proposta da atividade; é dizer “o que” sem determinar “como”.*”

A função das pistas é incentivar os alunos a pensarem e não a darem a resposta certa. Neste momento, o aluno precisa se sentir capaz para executar a tarefa, tendo o amparo do professor ou outro mediador externo e de um conhecimento prévio. (Solé & Coll, citado por Velardi, 1997)

As pistas vão fornecer subsídios para ações mais complexas, através do que foi aprendido no momento anterior. É essencial que os alunos tenham consciência da necessidade dessa estrutura de aprendizagem, para afirmar o seu papel, já citado, de agente do processo.

Para não diminuir a complexidade do problema, o professor deve dosar a quantidade de pistas, mas não se tornar ausente.

Além da relação professor-aluno deve ser incentivado e trabalhado a relação entre grupos de alunos. Nas atividades em grupos o professor deve ser mediador também, para que a interação seja de qualidade em prol do desenvolvimento dos alunos.

### *O terceiro momento*

Através das observações anteriores o professor nesse terceiro momento, apresentará atividades que julgar pertinentes ao trabalho e que ainda não tenham aparecido anteriormente.

*“O terceiro momento é o momento em que todas as atividades que deixaram de ser contempladas nos dois primeiros momentos são agora propiciadas de forma adequada às características da faixa etária que está sendo trabalhada. Eu conduzo meus alunos a executarem as propostas, sem perder a perspectiva lúdica. Atividades que considero de extrema importância para alcançar os objetivos pretendidos naquela aula, devem fazer parte desse momento, que finaliza sempre trocando com as crianças comentários sobre o conteúdo abordado”* (Nista–Piccolo, 1995, p. 118)

O processo de imitação pode ser um referencial, nesse momento, mas não como um fim em si mesmo. A imitação não deve ser vista pelo âmbito da reprodução mas sim como um referencial para tornar as imagens mais compreensivas. (Brooks & Brooks, citado por Velardi, 1997)

O professor deve oferecer aos alunos a “novidade”, fornecendo conceitos e idéias sobre o que vai estar sendo dado.

Além de oferecer um modelo (imagem) o professor pode utilizar informações verbais mais detalhadas, sem complicar a compreensão dos alunos.

O terceiro momento não é o ponto final e exemplificando em outro contexto Vygotsky cita que, (citado por Velardi, 1997, p.158) “ (...) muitas vezes três ou quatro etapas do aprendizado pouco acrescentam à compreensão da aritmética, no caso, por parte da criança, e, depois, na quinta etapa, algo surge repentinamente: a criança

*captou um princípio geral, e a curva do seu desenvolvimento sobe, acentuadamente. Para essa criança específica, a quinta operação foi decisiva, mas isso não pode ser considerado uma regra geral. O momento crucial em que o princípio geral se torna claro para a criança não pode ser antecipado pelo currículo.”*

De acordo com as autoras Nista–Piccolo e Velardi a ludicidade deve estar permeando a proposta, alinhando os conteúdos e a mediação dos professores e alunos. Toda vez que o aluno sentir prazer em realizar uma certa atividade, ele sentirá vontade de, na busca do prazer, realizá-la novamente.

A mediação do professor nas brincadeiras é muito importante para que a atividade lúdica não se afaste dos objetivos propostos, sem dividir a aula em “hora de brincar” e “hora de fazer a atividade”. Variando essas brincadeiras de acordo com a faixa etária dos alunos, com o intuito de prevalecer sempre a motivação, o prazer em realizar as atividades.

Snyders, escreve muito sobre o tema alegria na escola, sendo citado por Soares, 1996, pois “... *deseja que a escola possa ser invadida por aquela alegria que os jovens sentem e expressam nos campos esportivos ... e para isso o conhecimento tratado em seu interior não pode ser hierarquizado. As atividades corporais e artísticas fazem parte deste lugar de aprender. Não são apenas o equilíbrio buscado pelo estafante e “sério” trabalho intelectual*”. (p. 07)

Essa alegria, é colocada como ponto fundamental na metodologia, e nós professores podemos transformar nossas aulas e a escola num espaço prazeroso e de novas descobertas.

## *Metodologia*

### Procedimentos

Esse trabalho se pauta numa abordagem qualitativa respaldando-se na literatura específica da metodologia proposta, para desenvolver uma pesquisa de campo, na qual foi utilizada a técnica de observação. Com elas buscam-se informações sobre os aspectos os aspectos relevantes expressos na realidade escolar, para que se possa analisar, por meio de categorias, as questões presentes na aplicação desta metodologia de ensino no âmbito da escola.

*“A Observação ajuda o pesquisador a identificar e a obter provas a respeito de objetivos sobre os quais os indivíduos não têm consciência, mas que orientam seu comportamento. Desempenha papel importante nos processos observacionais, no contexto da descoberta, e obriga o investigador a um contato mais direto com a realidade. É o ponto de partida da investigação social”. (LAKATOS & MARCONI, 1991, p.191)*

De acordo com as mesmas autoras a pesquisa que se utiliza de uma OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE, caracteriza-se pela participação real do pesquisador juntamente com o grupo pesquisado. Esse tipo de

pesquisa pode ainda ser classificada em ARTIFICIAL, quando o observador integra-se ao grupo com a finalidade de obter informações.

Os critérios de acessibilidade que determinaram a escolha da escola – “EMEF Ciro Excel Magro” – foram a minha participação no estágio obrigatório, possibilitando um contato maior com a diretoria e com os próprios alunos, facilitando assim a elaboração dos objetivos.

As turmas escolhidas foram as de 3ª e 6ª séries, na tentativa de mostrar a aplicação da metodologia em diferentes faixas etárias.

Os objetivos das aulas foram estipulados de acordo com as necessidades que os alunos apresentavam no momento em que comecei a elaborar a pesquisa, dentro das possibilidades da minha atuação na escola. Depois de verificar as atividades já propostas anteriormente pelas professoras desta escola, optei por desenvolver atividades com os materiais corda e arco porque não haviam sido trabalhados ainda em seus conteúdos. Como os alunos só tinham tido contato com jogos desportivos, e mesmo assim apenas o futebol e o handebol, foi possível aplicar atividades voltadas para a festa da primavera, realizada em novembro, buscando contemplar mesmo que parcialmente, esse objetivo.

Uma aula de capoeira ministrada em nosso conteúdo, serviu para estimular e iniciar a participação também dos meninos na composição coreográfica a ser desenvolvida. As aulas centraram-se na exploração dos aparelhos associada aos elementos específicos que eles propiciam, atendendo sempre ao objetivo de serem trabalhados movimentos simples e de fácil execução.

## Aplicação da Metodologia de Ensino

Conforme propõe esta metodologia de ensino, a descrição do desenvolvimento das aulas desta pesquisa, apresenta-se nos respectivos momentos. Segue abaixo as observações encontradas.

### TURMA A: 6ª série do Ensino Fundamental

#### PRIMEIRA AULA

O objetivo da aula pauta-se no aprendizado de movimentos como balanceio, circunduções, lançamentos e recuperações através de exploração da corda. Estas, estavam espalhadas pela quadra em diferentes tamanhos (comprimento) e espessura.

1º MOMENTO: foi solicitado aos alunos que explorassem o material sugerido e que tentassem vivenciar, criando diferentes possibilidades, buscando ir além do simples pular-corda, geralmente muito conhecido e já experimentado por alguns alunos.

Observações: os alunos conseguiram explorar movimentos como rotações, o saltar de diferentes formas, a brincadeira do relógio, na qual os alunos tinham que pular a corda no momento em que ela passasse por eles. Superando as minhas expectativas, os meninos participaram

mais desse momento, criando e explorando. Os alunos preferiram trabalhar com as cordas individuais, utilizando as cordas maiores em poucos momentos.

Foram poucos os movimentos diferentes dos mais comuns, nesse momento, talvez pelo fato de não terem tido nenhum contato com a oportunidade de criar sem intervenção direta do professor e também a ausência de familiarização com a corda. Esta constatação levou-nos ao segundo momento.

2° MOMENTO: foram oferecidas pistas de movimentos que eles poderiam vivenciar diferentemente dos já abordados, buscando exploração de algumas especificidades da corda, como: balanceios, circunduções, trocas, lançamentos e recuperações, não havendo interferência de forma direta. A observação ficou centrada no tipo de movimento que eles conseguiam expressar sem minhas explicações diretas.

Observações: a partir das pistas que foram sendo dadas, os alunos começaram a experimentar as propostas e também a criar novas possibilidades. Nesse momento, surgiram os lançamentos e recuperações da corda, fizeram observações quanto à dificuldade de recuperação da corda, sem que ela perca o seu desenho. Apareceram movimentos de balanceios combinados com os lançamentos. No momento em que surgiam alguns movimentos novos, solicitava aos alunos que todos experimentassem a nova possibilidade, pois assim

conseguia uma atenção e motivação maior aos alunos. Vivenciaram também as circunduções e os movimentos em oito (esse movimento não havia sido selecionado como objetivo, isto quer dizer que as crianças foram além do que se esperava). Ficou claramente constatado a facilidade na execução do movimento em oito no plano lateral. Com o passar da aula as dificuldades maiores foram sendo descobertas em tentativas manifestadas por alguns alunos, desmotivando aqueles que não conseguiam executar, mesmo não tendo sido cobrado, em nenhum momento, a “performance” em suas execuções.

3° MOMENTO: nesse momento precisei modificar um pouco do que tinha planejado anteriormente, já que os movimentos propostos no objetivo já tinham sido alcançados. Não podemos dizer que o 3° momento não apareceu, por ser uma metodologia aberta ele sempre vai existir. O que nos atenta que vai ocorrer em face do aluno e não do professor. A partir desta constatação foi possível falar um pouco sobre as facilidades ou dificuldades emergentes da prática, e explicar questões básicas da técnica, buscando auxiliar na execução de alguns movimentos. Com o surgimento dos movimentos em oito e a observação de que no plano lateral foi executado mas facilmente, foi possível sugerir que tentassem vivenciar também os movimentos em oito nos outros planos (frontal e dorsal). Outro ponto importante é que o modelo surge em face do que foi sendo construído, e não do que o professor tem como expectativa.

## SEGUNDA AULA

O objetivo desta aula é buscar a familiarização dos alunos com o conteúdo da capoeira, aprendendo a ginga, um golpe de ataque e um de defesa.

1° MOMENTO: Foi solicitado aos alunos que explorassem aquilo que conheciam sobre a capoeira, através de sua própria bagagem corporal.

*Observações:* quando solicitado que explorassem corporalmente baseando-se nos movimentos vivenciados anteriormente, não houve muita participação dos alunos principalmente das meninas que nunca tinham tido contato anterior com a capoeira. Apenas alguns meninos se dispuseram a experimentar esse momento da aula, pois muitos expressaram sentir vergonha.

Os momentos de exploração não se estenderam mais, exigindo então uma intervenção no oferecimento de pistas, dando início ao segundo momento.

2° MOMENTO: foi solicitado aos alunos que mostrassem aquilo que consideraram básicos na prática da capoeira, desde o que traziam como bagagem até o que puderam observar; seguindo o grau de dificuldade foi solicitado que apresentassem movimentos a partir dos

diferentes planos (baixo, médio e alto). Neste momento foram explorados os movimentos de ginga, de ataque e defesa.

*Observações:* Os alunos que já tinham tido um contato anterior com esta prática, começaram a mostrar movimentos que conheciam, motivando os outros alunos a experimentarem. O que mais chamou a atenção dos alunos foram as acrobacias, por gerar desafios, face ao grau de dificuldade em suas execuções. Mesmo não fazendo parte do objetivo da aula, permiti que continuassem a prática desses elementos, principalmente por observar o estímulo trazido, além do incentivo aos outros conteúdos.

As meninas demonstraram uma situação diferente, pois devido à dificuldade que sentiram em explorar essas possibilidades de movimento que a capoeira traz, mesmo após o oferecimento das pistas, solicitavam a todo momento que alguém demonstrasse para que pudessem copiar.

3º MOMENTO: de maneira mais dirigida, os movimentos de ginga e os movimentos básicos de ataque e defesa, além de algumas acrobacias que apareceram nos momentos anteriores, foram enfatizados novamente, propondo que todos os alunos vivenciassem. Para finalizar a aula, foi feita uma roda de capoeira, com a participação de todos os alunos. No terceiro momento, todos os alunos, meninos e meninas, praticaram juntos. Foi oferecido a eles também dois painéis sobre a capoeira, contendo fotos e algumas informações históricas.

*Observações:* de maneira tranqüila os exercícios foram sendo demonstrados e os alunos experimentando-os em duplas. Foi possível perceber a resistência das meninas permanecerem próximas aos meninos. Quando eles notaram que os elementos que haviam vivenciado poderiam estar presentes na roda de capoeira, houve maior participação.

### TURMA B: 3ª série do Ensino Fundamental

#### *PRIMEIRA AULA*

O objetivo desta aula é propiciar aos alunos desta turma a exploração do material corda.

1º MOMENTO: este momento caracterizou-se pela busca de possibilidades de movimento com a corda ainda não identificados pelos alunos, isto é, criar movimentos diferentes do simples pular que praticamente todas as crianças conhecem, utilizando-se de diferentes tipos e tamanhos de corda.

*Observações:* A atividade foi explicada ainda em sala de aula e só depois disto é que eles foram para a quadra. No início os alunos não conseguiam fugir da atividade de pular corda conhecida tradicionalmente. A todo momento era preciso dar um incentivo para

que explorassem a corda de formas diferentes. Depois de um tempo começaram a surgir variações do pular, a brincadeira de cabo de guerra, do relógio (girar a corda no sentido horário para que outros pulem); alguns alunos pegaram as cordas maiores e com ela presa por uma das pontas começaram a balançar, imitando um cipó. Os movimentos em oito também foram aparecendo , com uma ou com as duas mãos.

2° MOMENTO: As pistas começaram a ser oferecidas a partir da utilização das cordas menores, visando que os movimentos propostos no objetivo comesçassem a surgir.

*Observações:* Após o oferecimento das pistas e a solicitação para que observassem o que os colegas estavam fazendo, apareceram movimentos muito interessantes e diferentes do seus habituais, surpreendendo a eles próprios. Surgiram então os balanceios, as circunduções no plano horizontal alto, baixo, com a corda dobrada ao meio e com a corda aberta.

Os alunos começaram a criar vários movimentos, causando-nos espanto por suas criações.

3° MOMENTO: O tempo da aula esgotou-se antes que acontecesse o terceiro momento, faltando com isso a exploração dos lançamentos e recuperações que deveriam ocorrer nesta fase.

## SEGUNDA AULA

O objetivo desta aula foi oferecer vivências básicas com o arco, abordando os movimentos de rotação deste material no corpo e no chão, além dos lançamentos e as recuperações.

1° MOMENTO: Ocorreu a exploração de diferentes possibilidades de movimento com o arco.

*Observações:* Assim que os alunos pegaram o arco e começaram a descobrir movimentos que ele pode fazer, apareceram todos os elementos que foram elencados como significativos, anteriormente. No começo, os alunos, principalmente os meninos, estavam com muito receio pois tinham a impressão de que iriam ser obrigados a rebolar e participar de uma coreografia usando o arco. Ao perceberem que esse não era o objetivo da aula, começaram a descobrir inúmeros exercícios que podem ser feitos com o arco, além daqueles que normalmente estão acostumados a fazer. Quando já haviam explorado bastante com apenas um arco, descobriram que podiam realizar alguns movimentos com dois arcos. A quadra transformou-se num verdadeiro picadeiro, na qual os alunos tentavam fazer malabares com os arcos, lançando-o e recuperando-o.

2° MOMENTO: como pista solicitei aos alunos que tentassem explorar outras possibilidades com o arco, tentando fazer os

movimentos com as duas mãos, as possibilidades existentes não somente com um arco, procurando também interagir os movimentos com os colegas.

*Observações:* Não tendo a obrigação de copiarem o que os colegas estavam fazendo, esse momento ocorreu de forma bem tranqüila, até mesmo surgindo movimentos ainda não vivenciados, como trocas entre dois alunos, e depois com quatro. Nesse momento apareceram também combinações de rotações com lançamentos. Um aspecto muito interessante que foi observado é que, no final da atividade, os meninos sentiam-se tão à vontade que mesmo sem solicitar começaram a experimentar a rotação do arco no quadril, o “rebolar”, um movimento que para eles era só de meninas, passou a ser explorado e vivenciado por eles, perceberam que também poderiam fazer sem nenhum tipo de preconceito.

3° MOMENTO: : solicitei aos alunos que mostrassem o que conseguiram criar para que os outros experimentassem os movimentos sugeridos. Isto não foi feito de forma sistematizada, mas de forma dirigida pedi que prestassem atenção no que os colegas estavam fazendo e se sentissem vontade poderiam tentar experimentar o mesmo movimento.

## *As aulas e a aplicação da metodologia na perspectiva do pesquisador*

Ao iniciar a aplicação desta metodologia em aulas de Educação Física nesta escola, julgava que os alunos apresentariam uma certa resistência para participar das mesmas, principalmente os meninos que a todo momento perguntavam do futebol. Durante o tempo de observação das aulas de Educação Física, no cumprimento do estágio obrigatório de graduação, pude perceber a dificuldade dos professores em conseguir a participação de todos os alunos nas atividades oferecidas, as quais não fossem relacionadas à prática do futebol. Busquei encontrar atividades que pudessem estimular a auto motivação dos alunos, visando a maior participação possível nas aulas. Para tanto, foram elaborados conteúdos diferentes daqueles que estavam acostumados. No entanto, fui surpreendida quando os alunos receberam a proposta com muita disponibilidade, sem reclamar, surpresos até com a oportunidade que teriam de criar movimentos. A participação dos meninos foi muito satisfatória em todas as turmas nas diferentes séries.

O fato de conhecer anteriormente os alunos pode ter me trazido um certo preconceito em relação à participação deles nestas aulas. Esta experiência mostrou-me o quanto este aspecto pode nos atrapalhar, pois muitas vezes, elaboramos propostas de trabalho, imaginando uma

participação menor dos alunos, subestimando um desempenho mais espontâneo por parte deles.

Apareceram questões como “isso é coisa de mulherzinha”, levantadas pelos meninos, a partir de algumas atividades oferecidas, mas por meio de conversas que tivemos oportunidade de realizar, nas quais debatemos aspectos positivos e negativos da participação deles, foi possível quebrar algumas barreiras que os impediam de realizar as atividades.

Quanto à participação das meninas verificou-se um certo estranhamento em fazer atividades juntamente com os meninos. Isto era uma novidade para elas, pois anteriormente todas as atividades eram desenvolvidas separadamente, sendo que os meninos jogavam futebol enquanto as meninas praticavam handebol ou queimada, em momentos diferentes. A partir de conversas com todos os alunos, nas quais buscávamos resolver os problemas surgidos, conseguimos definir as suas atuações, chegando à conclusão de que poderiam realizar as atividades juntos.

Depois de rompidas algumas barreiras, comecei a observar a desenvoltura com que começaram a participar das atividades. Não se mostravam mais com receio em expressar aquilo que estavam sentindo, sendo positivo ou negativo, podendo interagir na atividade, participar de forma direta.

Os alunos podiam explorar partindo das suas próprias idéias, com seu próprio material, causando muita curiosidade. A preocupação de que eles poderiam adotar comportamentos egoístas, de não saber

dividir o material, ou ainda de não compartilharem as suas idéias, não aconteceu, pois sempre no segundo momento, por meio das pistas eles demonstravam suas descobertas, apresentando muito contentamento com tal oportunidade.

Não foram feitas perguntas aos alunos para conhecer as suas opiniões sobre a metodologia adotada, mas as observações levantadas mostravam a enorme satisfação que sentiam em participar da aula. Demonstravam claramente a vontade em estar dividindo comigo, e também com os colegas, as conquistas e descobertas. Queriam sempre mais, objetivando algo que pudesse ser cada vez mais desafiante.

O que mais era observado por eles, e talvez seja o que mais os impressionou foi a possibilidade oferecida à criação, ou seja, a oportunidade que tinham de encontrar elementos da ginástica ou mesmo outras modalidades por si próprio, respeitando, com isso, o limite de cada um.

Quando estamos ministrando uma aula, seguindo o caminho desta metodologia, é possível deflagrar o interesse dos alunos para aprender. Com isso, podemos detectar que mesmo sendo empregada no ambiente escolar, esta é uma trajetória altamente válida.

No primeiro momento foi possível observar o que os alunos trazem como bagagem motora, subsidiando a atuação nos outros momentos. Como cada turma responde de forma diferenciada, e portanto, necessitam de trabalhos diferentes, podemos definir melhor se o que traçamos como objetivo para aquela aula foi adequado, além de determinar a elaboração das aulas seguintes.

Uma das preocupações que ocorre nesse momento de exploração, é que por não haver interferência direta do professor, precisamos ter cuidado para não acontecer uma dispersão do objetivo da aula. Não é possível que este momento se caracterize como um “laissez-faire”, dando a impressão que a aula não tem uma direção, transformando-se em uma “bagunça”. Em vários momentos desta aplicação, precisei chamar a atenção dos alunos para o que tinha sido proposto, mesmo porque não estavam acostumados com a metodologia usada.

O segundo momento, das perguntas-guia, é talvez o momento mais difícil para o professor, conforme pude perceber nesta vivência. Como as pistas não podem ser diretas, é preciso elaborar muito bem o que vai ser sugerido, ou seja, não se pode com a dica oferecida, declarar como fazer o movimento, não entregar pronto algo que necessita ser pensado, é apenas o momento de fornecer pistas. As dificuldades surgem exatamente na formulação de pistas adequadas, dadas de forma correta. Muitas vezes, por nos sentirmos motivados com a situação, podemos errar e fornecer tudo pronto, não permitindo que o aluno descubra por si mesmo, visto que ainda não é o momento adequado à intervenção direta. Nestas experiências com a ginástica e a capoeira pude perceber esta dificuldade, mesmo tendo claro os procedimentos a serem adotados.

Ao vivenciar o terceiro momento ficou muito claro que o objetivo traçado para a aula é que determina a ação do professor, portanto, eles devem ser previamente estruturados, tentando ser o mais amplo possível. O objetivo não pode ser muito específico, deve envolver a

atividade e não o conteúdo. Também não se pode esquecer que a observação que o professor faz durante os dois primeiros momentos tem importância fundamental na determinação da atividade. É preciso ter claro tudo o que já foi descoberto pelos alunos e o que falta ser experienciado

para que os objetivos sejam atingidos. Outro ponto refere-se ao tempo de duração da aula, o professor deve estar atento para que o tempo não se esgote antes de ter atingido os objetivos propostos à aquela aula.

Posso dizer que senti-me muito à vontade em aplicar esta metodologia, principalmente depois de perceber o prazer que os alunos sentiam em participar deste tipo de aula. Como qualquer outra metodologia, esta também necessita de muita dedicação e estudo por parte do professor sobre os seus alunos, para que possa definir o quê será desenvolvido com os alunos, e estando sempre atento às pistas que vão auxiliá-los na aprendizagem dos elementos que escolhemos.

Por meio deste caminho, pude conhecer melhor os alunos, suas capacidades e anseios, compartilhando de forma lúdica a superação de suas dificuldades.

Quanto à turma ficou claro que houve maior entrosamento nos momentos em que compartilhavam as propostas, dividindo suas conquistas de movimentos.

A possibilidade de trabalhar com muitos materiais trouxe muita alegria aos alunos. Quando perceberam que teriam oportunidade de trabalhar com um arco para cada um, sem que tivessem que dividi-lo com outro colega durante aquele tempo, mostravam-se espantados com

a situação. O mesmo aconteceu na aula que utilizamos “corda” como material a ser explorado, pois haviam várias, de diferentes tamanhos e espessura. Eles não sabiam qual pegavam primeiro, o que estavam com vontade de experimentar.

No papel de pesquisadora e aplicadora da metodologia pude constatar a viabilidade da metodologia no contexto escolar. Todos os conteúdos podem ser aplicados através dela, permitindo a nós uma certa flexibilidade na elaboração dos objetivos, tentando atender as necessidades de cada grupo de alunos. Ao alunos, a metodologia oferece também, oportunidades de expressão em relação ao que está sendo proposto, facilitando o cumprimento dos objetivos e também a relação professor-aluno.

No momento da aplicação da metodologia observei grande satisfação dos alunos em participar da aula e conseqüentemente o prazer em que suas descobertas proporcionavam. Acredito que para o professor alcançar esse êxito é a maior conquista que podemos ter, fazer das nossas aulas, lugares de descobertas, buscas contínuas e principalmente ver o sorriso estampado no rosto dos alunos.

## *Considerações finais.*

Acredito que o objetivo desse trabalho, que consistia na aplicação da metodologia de Nista-Piccolo e Velardi na escola, buscando observar o comportamento dos alunos frente a um caminho diferenciado do ensinar os conteúdos da Educação Física tenham sido contemplados. Este trabalho possui argumentos científicos que comprovam a viabilidade de tal aplicação, servindo as observações de base para futuros trabalhos, pois se mostra totalmente coerente com o contexto escolar.

As propostas desenvolvidas definiram possibilidades de trabalho dos diversos conteúdos da Educação Física Escolar, de forma a incentivar a participação direta do aluno no processo ensino-aprendizagem, despertando-o para a importância do momento da exploração, muitas vezes desprezado pelos professores. Estimular a criatividade dos alunos mostrou-nos um caminho importante no processo, promovendo também o prazer em estar realizando as atividades e conseqüentemente a busca por novas descobertas. Respeitando assim, os limites individuais, e também do grupo em geral, na tentativa de suprir as necessidades por eles apresentadas.

Ao professor cabe planejar e estruturar os objetivos da aula anteriormente, podendo no decorrer da mesma intervir de forma indireta, nos dois momentos iniciais, e de acordo com a necessidade intervir diretamente no último momento, para que os objetivos sejam alcançados. Avaliar constantemente sua atuação como mediador é importante para que o professor possa contribuir cada vez mais de forma positiva por meio da aplicação desta metodologia. A partir das “pistas” dadas os alunos poderão atingir os objetivos, que possivelmente sozinhos não conseguiriam alcançar.

As autoras lembram sempre que esta metodologia deve ser proposta buscando promover atividades prazerosas, com uma ludicidade permeando toda ação que leva o aluno a se desenvolver nos campos motor, afetivo e social, de forma criativa e espontânea.

É preciso deixar claro que não temos a intenção de defender essa metodologia como a única forma de atuação no contexto escolar, mas sim mostrar mais um caminho para aprendizagem dos conteúdos da Educação Física Escolar, além de provocar para que outros trabalhos possam se aprofundar ainda mais neste tema.

## BIBLIOGRAFIA

- BRACHT, W. A Educação Física Escolar como um campo de vivência social e de formação de atitudes favoráveis à prática do desporto. Santa Maria: UFSM, 1983 (Dissertação de Mestrado).
- BROOKS, J. & BROOKS, M.G. apud Velardi, M. Metodologia de ensino em Educação Física: contribuições de Vygotsky para as reflexões sobre um modelo pedagógico Campinas: Dissertação-Mestrado, FEF-UNICAMP, 1997.
- DARIDO, S. C. Apresentação e análise das principais abordagens da Educação Física Escolar. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 20 n.1, 1998.
- FERREIRA, Aurélio B. H. Minidicionário da língua Portuguesa. 8 ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira S. A., 1977.
- FREIRE, João. Educação de Corpo Inteiro. São Paulo: Scipione, 1989.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia. Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HILDEBRANDT, R. Concepções abertas no ensino de Educação Física

Rio de Janeiro: ao Livro Técnico, 1986.

LAKATOS & MARCONI, E. M. & M. A. Fundamentos da

Metodologia Científica. 3 ed.. São Paulo: Atlas, 1991.

LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli. Pesquisa em Educação:

abordagens qualitativas São Paulo: Editora Pedagógica e

Universitária Ltda, 1986.

MOREIRA, Wagner Wey. Educação Física Escolar: uma abordagem

fenomenológica. Campinas: Editora da UNICAMP, 1991.

..... Educação Física Escolar: a busca da  
relevância. In: NISTA-PICCOLO, Vilma Lení (org) Educação Física  
Escolar: ser ... ou não Ter? 3ª edição. Editora da UNICAMP,  
Campinas-SP, 1995.

MURAMOTO, Francesca. Reflexões sobre a especificidade da Educação

Física Escolar, Campinas, 1999. (monografia FEF-UNICAMP)

NISTA-PICCOLO, Vilma Lení (org) Educação Física Escolar: ser ... ou

não Ter? 3ª edição. Editora da UNICAMP, Campinas-SP, 1995.

----- . A Educação Motora motora na escola: uma proposta metodológica á luz da experiência vivida. In: De Marco, A (org) Pensando a Educação Motora. Campinas, Papirus, 1995

OLIVEIRA, Amauri A Bássoli Mercado de trabalho em Educação Física e a Formação profissional : breve reflexões. In: Anais do I Congresso Latino-Americano de Educação Motora e II Congresso Brasileiro de Educação Motora, Foz do Iguaçu, 1998

SEVERINO, Antonio Joaquim. Metodologia de Trabalho Científico 17 ed., São Paulo: Cortez Editora, 1991.

SIEBERT, R. Educação Física: o ensinar e o aprender. In: revista Paulista de Educação Física. supl.1, n.1, p.58-62. São Paulo: EEFUSP, 1995

SOARES, Carmen. Educação Física. Raízes Européias e Brasil. Campinas: Autores Associados, 1994.

----- et al. Metodologia do Ensino de Educação Física. São Paulo: Cortez, 1992.

..... Educação Física Escolar: conhecimento e especificidade. supl. 02, p. 6-12 São Paulo: Revista Paulista de Educação Física, 1996.

SOLÉ, I. & COLL, C. Os professores e a concepção construtivista. Apud Velardi, M. Metodologia de ensino em Educação Física: contribuições de Vygotsky para as reflexões sobre um modelo pedagógico Campinas: Dissertação-Mestrado, FEF-UNICAMP, 1997.

TANI, G. et al. Educação Física Escolar: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista. São Paulo: EPU/Edusp, 1988.

TUDGE, J. apud Velardi, M. Metodologia de ensino em Educação Física: contribuições de Vygotsky para as reflexões sobre um modelo pedagógico Campinas: Dissertação-Mestrado, FEF-UNICAMP, 1997.

VELARDI, Marília. Metodologia de ensino em Educação Física: contribuições de Vygotsky para as reflexões sobre um modelo pedagógico Campinas: Dissertação-Mestrado, FEF-UNICAMP, 1997.

VELARDI, M. e NISTA-PICCOLO, V. L. Metodologia de ensino em Educação Física In: Anais do I Congresso Latino-Americano de Educação Motora e II Congresso Brasileiro de Educação Motora, Foz do Iguaçu, 1998

VYGOTSKY, L. S. Aprendizagem e desenvolvimento na idade escolar  
Apud Velardi, M. Metodologia de ensino em Educação Física: contribuições de Vygotsky para as reflexões sobre um modelo pedagógico Campinas: Dissertação-Mestrado, FEF-UNICAMP, 1997.